

Interlíngua e códigos linguageiros da língua dos sapateiros de Passos

Interlíngua and language codes of the cobblers of Passos

Interlíngua y códigos lingüísticos de los zapateros de Passos

Samuel Ponsoni

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Brasil)

sponsoni@yahoo.com

<https://orcid.org/0000-0001-9802-3267>

André Terra Oliveira Loureiro

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Brasil)

andretloureiro@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8488-4648>

Raquel Tavares Garbini

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Brasil)

raquelgarbini@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8522-377X>

RESUMO

Este artigo deriva de um projeto de extensão que teve por objetivo realizar uma compilação, organização e interpretação teórica da chamada língua(gem) dos sapateiros, uma forma de manifestação linguística que já foi bastante utilizada por determinados grupos sociais ligados à classe de trabalhadores de sapateiros, da cidade de Passos, Minas Gerais, mas que, ao longo do tempo, em razão do próprio declínio dessa profissão, resta apenas circunscrita a alguns sujeitos-falantes que ainda detêm tal saber linguístico. Nesse sentido, por meio dos dados obtidos, ora fazemos uma proposição

* Sobre os autores ver página 149.



teórica-hipotética de analisar essa língua dos sapateiros não como uma variedade linguística, mas sim como um código linguagem em uma interlíngua, produzida no saber linguístico dos sujeitos-trabalhadores ligados a esse universo de significações das sapatarias passenses. Portanto, responder a essa hipótese teórica se faz o principal objetivo deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Memória sociocultural; Código linguageiro; Interlíngua; Língua de sapateiros.

ABSTRACT

This paper derives from an extension project that aimed to compile, organize and theoretically interpret the so-called cobbler's language, a form of linguistic expression that has been widely used by certain social groups linked to the shoemaker class, from the city of Passos, Minas Gerais, but which, over time, due to the very decline of this profession, remains only limited to some speaking subjects who still have such linguistic knowledge. In this sense, through the data obtained, we now make a theoretical-hypothetical proposition to analyze this cobbler's language not as a linguistic variety, but as a language code in an interlanguage, produced in the linguistic knowledge of the subject-workers linked to this universe meanings of the passense shoe shops. Therefore, answering this theoretical hypothesis is the main objective of this work.

KEYWORDS: Sociocultural memory; Language code; Interlíngua; Cobbler's language.

RESUMEN

Este trabajo surge de un proyecto de extensión que tuvo como objetivo recopilar, organizar e interpretar teóricamente el llamado lenguaje del zapatero, una forma de expresión lingüística que ha sido ampliamente utilizada por ciertos grupos sociales vinculados a la clase obrera, de zapateros, de la ciudad de Passos, Minas Gerais, pero que, a lo largo del tiempo, debido al propio declive de esta profesión, se limita solo a algunos sujetos hablantes que aún poseen ese conocimiento lingüístico. En este sentido, a través de los datos obtenidos, hacemos ahora una propuesta teórico-hipotética para analizar el lenguaje de este zapatero no como una variedad lingüística, sino como un código de lenguaje en una interlengua, producido en el conocimiento lingüístico de los sujetos-trabajadores vinculados a este universo, significados de las zapaterías passense. Por tanto, responder a esta hipótesis teórica es el principal objetivo de este trabajo.

PALABRAS CLAVE: Memoria sociocultural; Código de lenguaje; Interlíngua; Lengua de zapatero.

1 Introdução

A memória de um povo, de forma mais ampla ou de forma mais restrita, por vezes passa de geração para geração somente pelos procedimentos de aprendizado social, narrado e descrito em práticas sociais de comunicação oral, por meio dos quais conhecimentos são perpassados em distintos espaços e tempos.

Sem dúvida alguma, esse processo de transmissão de conhecimentos é bastante válido e muito utilizado ainda nos tempos atuais por diversos grupos históricos e culturais, no Brasil e no mundo. A propósito, é isso também um dos fundamentos das transformações e processos culturais, qual seja, a aprendizagem não bio-hereditária, e sim dada no jogo de comunicação e interação entre os sujeitos sociais, de maneira gregária e histórica (SANTOS, 1983).

Nesse jogo de uma "não" memória/memória que, por exemplo, pela compreensão da Análise do discurso de matriz francesa, AD, no que tange à interpretação e descrição dos acontecimentos, a memória é o elemento social e histórico que preenche os espaços e sentidos implícitos, permitindo a interpretação do texto e reestabelecendo o que não está dito na enunciação e abrindo espaço para diversos caminhos de rumores públicos.

A memória discursiva, assim, é considerada como espaço de regularização da materialidade discursiva, espaço potencial de coerência dos sentidos a determinado direcionamento ideológico (PÊCHEUX, 2007). Assim, o acontecimento de uma narrativa discursiva funde-se aos mecanismos e operações de funcionamento das memórias sociais, construindo-a, asseverando-a, negando-a ou dissimulando-a, pelas próprias contradições históricas, em sentidos e significações em determinadas direções.

Este trabalho em questão deriva de um projeto de extensão e teve por objetivo realizar um estudo dos sujeitos remanescentes com a memória da chamada língua dos sapateiros, uma forma de manifestação linguística que já foi bastante utilizada por determinados grupos sociais da cidade de Passos, Minas Gerais, mas que, ao longo do tempo, em razão do próprio declínio da profissão de sapateiros, a essa historicamente vinculados, restou apenas circunscrita a alguns sujeitos-falantes que ainda detêm tal saber linguístico.

Todavia, neste artigo em questão, para além da explicação e funcionamento histórico e social do uso dessa língua de sapateiros, é nosso intento analisá-la também sob a perspectiva da noção-conceito de interlândia, de Maingueneau (2006).

2 Passos e o bairro São Francisco: localidades geolinguística da língua de sapateiros

A cidade de Passos é um município brasileiro localizado no interior do Estado de Minas Gerais, na mesorregião do sul e sudoeste de mineiro. Atualmente, tem uma população estimada de 114.458 habitantes, destacando-se como polo socioeconômico regional, possuindo como principais setores a agropecuária, ligada às principais cadeias produtivas do agronegócio brasileiro, e pequenas indústrias de confecções e móveis, além de um setor de serviços e comércio que se destaca também.

Passos não recebeu este nome desde sua formação. Inicialmente, o local era composto por fazendas de subsistência, sem sistema de administração comum. A região chegou a ser denominada Ninfas, Cruzeiro e Bonsucesso. Em 1820, era apenas um arraial pertencente aos "Sertões de Jacuhy", pedaço de chão subtraído da capitania de São Paulo que se estendia da margem direita do Rio Grande até a Serra da Canastra.

De qualquer forma, o nome atual da cidade é oriundo de um antigo curador, Domingos Barbosa Passos, pessoa indicada para cuidar das terras

doadas para a Igreja e que contribuiu para a construção de uma nova capela para o padre residente. Devido a esses feitos recebeu o título de Senhor de Passos. Três anos após a criação da capela, foi criada uma paróquia para comportar o crescimento da população do arraial.

As produções de açúcar, melado, cachaça, rapadura e a engorda do gado substituíram as práticas de subsistência e, juntamente com a descoberta do ouro na região e da percepção da alta fertilidade agricultável das margens do Rio Grande, provocaram a corrida de paulistas e mineiros para local à procura de melhores condições de vida. Aspecto que transformou o local e ocasionou a elevação do arraial a categoria de vila. Depois de curto período, Passos foi elevada à condição de município, segundo José Joaquim da Silva em *Tratado de geographia descriptiva especial da província de Minas-Geraes*, de 1878.

Todavia, foi o bairro São Francisco, localizado em Passos, formado por volta de 1825, o berço para a chamada língua dos sapateiros. O bairro está intimamente ligado às sapatarias e ao ofício de sapateiros, forma e qualificação de trabalho que se notabilizaram nesta parte da cidade. Até a década de 1970, poucas formas industriais de se conseguir os artigos ligados a arte-ofício da sapataria eram possíveis de serem encontrados nas cidades brasileiras, sobretudo nas do interior, como Passos. Além disso, o poder aquisitivo, atrelado a hábitos de consumo diferentes à época, faziam das sapatarias não somente um espaço de produção de sapatos e artigos a esse ramo associados, mas também um espaço de consertos e remendos, tornando os lugares ainda mais importantes e movimentados.

Já na década de 1980, as sapatarias perderam espaço para as produções em larga escala de calçados, o que levou a perda de força da profissão de sapateiro, da importância econômica da região e mesmo com a expansão da própria cidade, consequentemente um declínio da língua dos sapateiros, a qual passou a sobreviver apenas na memória dos mais velhos habitantes do bairro São Francisco ou, ainda, se espalhando por alguns poucos descendentes em outros bairros. Dito de outra forma, muitas sapatarias foram fechadas, a cidade cresceu e a economia ganhou uma nova formação comercial, com isso a linguagem ficou restrita a brincadeiras ou a papos com os vizinhos e outras formas de inscrição na memória social. Hoje ela existe de maneira tímida e isolada mais ainda preserva sua memória, sendo passada de pai para filho, e sendo objeto de estudo de trabalhos acadêmicos, no intuito de preservar essa língua como patrimônio regional de Passos. É com esse objetivo que este projeto de extensão está inserido no Curso de Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda.

3 O que é a língua dos sapateiros?

A "Linguíça de nosangulo", ou a Língua de Sapateiros, *grosso modo*, é um código linguageiro que tem seu repertório semioticamente materializado em língua verbal oral e consiste em uma forma de manifestação expressiva que já foi bastante utilizada por uma determinada classe de trabalhadores, os sapateiros, na cidade de Passos, Minas Gerais, mas que, ao longo do tempo, em razão do próprio declínio da profissão de sapateiros, foi se perdendo, restando apenas circunscrita a alguns sujeitos-falantes que ainda detêm tal saber linguístico e que

já se desvincularam do grupo social "original" do código linguístico e hoje encontram-se dispersos apenas nas memórias de narrativas oralizadas.

O tempo histórico do surgimento dessa língua é incerto, mas provavelmente foi entre as décadas de 1940 e 1950, o que coincide, na cidade de Passos, com o auge da profissão de sapateiro e a força socioeconômica e cultural que o bairro São Francisco, local de origem das principais sapatarias, acumulou.

Embora seja uma língua essencialmente oral, ao colocá-la em uma transcrição escrita é possível dizer que ela apresenta as seguintes estruturas: via de regra é uma primeira sílaba que dita o conteúdo-tema dos significados desejados. Por exemplo, a palavra "Eurico", embora nome próprio que, no uso comum, refere-se a um sujeito de mundo que possui tal nome, na circunstância enunciativa de uso da língua dos sapateiros ela passa a significar apenas o pronome "eu", a identificar pessoal para qualquer sujeito de mundo. As primeiras sílabas, portanto, se somam a outras sílabas complementando-se e dando prosseguimento aos seguimentos frasais que formaram a unidade de sentido para determinado uso. Por exemplo:

"Eurico soldado Protógenes limpeza Portugal"

Pelas primeiras sílabas, essa frase, aparentemente inadequada em português, se segmentaria em: " Eurico (Eu) Soldado (Sou) Protógenes (Pro) Limpeza (Li) Portugal (Por) " Portanto, teríamos um tema-conteúdo para significar, a depender da contextualização e do jogo interação entre os sujeitos-falantes, como:

"Eu sou professor de língua portuguesa".

Como podemos observar, os temas-conteúdo que carregam os sentidos são sempre bastante contextuais e requerem complementos de improvisos, algo muito característico, aliás das narrativas que recontam como era usada a tal língua. É preciso, como no exemplo acima, complementar, tanto pelo sujeito que enuncia, quanto pelo sujeito que dá amparo a essa enunciação, um sufixo linguístico, que condiciona os sentidos, tanto pela ordem lexical quanto pela ordem semântica da gramática natural da língua portuguesa.

Assim, a língua dos sapateiros não é a rigor uma língua e sim codificação - ou como mais à frente vamos defender um código linguageiro de interlíngua - que se sobrepõe na estruturação gramatical da própria língua portuguesa. Todos os prefixos, os sufixos, os nomes que vão criando os contextos frasais são retirados dos paradigmas linguísticos já conhecidos na língua portuguesa. Por isso, a tratamos, no projeto original por meio do jogo linguístico de "língua(gem)", pois a compreendemos não como um repertório de variedade da língua portuguesa, embora possa ser estudada também por esse mirante teórico, mediante mais dados e mediante a outras comparações de regularidade, mas como uma interlíngua, dentro possibilidade infinita de capacidade de recursos pela linguagem verbal humana.

Além disso, alguns sufixos aparecem em maior recorrência que outros, tais como -osa, -eiro. Igualmente, alguns nomes adquirem sentidos se associando

a outros nomes independentemente do sufixo e das primeiras sílabas e eles indicariam significações por si mesmos, sem a necessidade de complementação.

No pequeno exemplo anteriormente enunciado, observa-se também que, por ser uma língua essencialmente usada em contextos orais, de improviso e bastante ligada ao conhecimento entre os parceiros de conversação, há uma prevalência da oralidade e das estruturas fonéticas da língua. Com isso, em Soldado, Sol vale não pela parte gráfica (sou) mas pela possibilidade fonética entre Sol/Sou que a depender da pronúncia são bastante semelhantes. Dessa forma, por essas razões ainda, algumas formas lexicais são bastante regulares na recomposição daquilo que foi a língua dos sapateiros, mesmo se descolando da enunciação frasal, como nos exemplos seguintes:

- Pagode:** Pagar dinheiro
- Feijão ou Frenete:** Feio
- Cebola tenente:** Algo que vai acontecer
- Marimbondo:** Soldado de polícia
- Morcega, mobília:** Mulher feia
- Groselha bombрил:** Mulher bonita
- Robert Taylor ou Roberto Carlos:** Pessoa com suspeita de roubar
- Quirino:** Quer
- Dorival Caymmi:** Pessoa doída
- Cebola:** Você
- Murchaca, Mossoró e andorinha:** Mulher
- Andorinha:** significa que era para os colegas prestarem atenção que um homem e uma mulher acabavam de entrar na sapataria
- Dinamite ou Ditadura:** Dinheiro
- Pingola:** Pinga
- Figueredo Rui Barbosa:** O fígado ruim
- Carapuça de pitianga:** A cara de pinga
- Que xerife Rui Barbosa de borsalina:** Que cheiro ruim de bosta
- Pinguela Rui Barbosa de maisena, Tenente outrora navio?** Pinga ruim demais. Tem outra não?
- Tenente cinzano. Pegancho alicate. Vinícius?** Tem sim. Pegue ali. Viu?
- Catito um copázio pro compadre:** Cata um copo pro compadre
- Botafogo uma pinguela pra minguta:** Bota uma pinga para mim
- Botafogo uma pinguela para elefante tambor:** Bota uma pinga para ele também

Portanto, disso decorre a chamada *Linguiça* (lin = língua) de nosangulo (sa=sapateiro), cuja colaboração dos interagentes é fundamental. Sem essa cumplicidade linguística entre os detentores do código a atividade comunicativa fica comprometida. É preciso salientar que é bastante difícil fazer um estudo em termos de comparação e/ou uso de regularidades, uma vez que não se usa mais frequentemente, dificuldade a coleta de dados, e dado ao número baixíssimo de falantes.

4 O mirante teórico-social de compreensão da língua dos sapateiros

De um mirante mais teórico, pode-se dizer a chamada língua dos sapateiros é uma codificação verbal de modalidade oral, desenvolvida, sobretudo, a partir do bairro São Francisco, cidade de Passos, em que sujeitos ligados à profissão de sapateiro - mas não exclusivamente.

Longe de querer adentrar os campos teóricos da sociolinguística variacionista, um dos mais tenazes e profícuos seguimentos de pesquisa na Linguística, mas arriscando um pouco em terrenos fora de nossa especialidade uma boa hipótese sobre a língua dos sapateiros é a de que seria uma espécie de socioleto, um dialeto/variedade bastante ligada a características do grupo social a que estão atrelados, para criar uma codificação significativa própria para falar do cotidiano pessoal e da cidade, diante dos fatos e acontecimentos que cercam esses sujeitos elaboradores de tal língua.

As variações e as variedades linguísticas, vistas por meio da teoria de sociolinguística, trata, de maneira geral, que é característica de todas as línguas do mundo a não unidade, não são uniformidade, mas apresentar variedades, ou seja, não são faladas da mesma maneira por todos os seus usuários.

Por essa visão, as línguas variam porque as sociedades são divididas em grupos/classes: há os mais jovens e os mais velhos, os que habitam uma região ou outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma ou outra classe social e assim por diante. O uso de determinada variedade linguística serve para marcar a inclusão em um desses grupos, dá uma identidade para seus membros. Aprendemos a distinguir as falas variáveis, imitando e julgando-as com certo preconceito.

Além disso, as línguas, por serem heterogêneas, manifestam-se de modo variável dentro de uma mesma comunidade de fala, pois pessoas, com características diferentes, expressam-se de maneiras diferentes. São decorrentes de vários fatores sociais como a origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais do falante.

Por exemplo, a variação decorrente da origem geográfica, segundo Bagno (2007), é porque a língua varia de um lugar para o outro. Exemplo comum é a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc., outro fator importante, mencionado pelo autor, é a origem rural ou urbana da pessoa.

Acreditamos que o mais apropriado à língua dos sapateiros, se dispuséssemos de uma quantidade de dados bastante grande, seria a ideia mesmo de socioleto: também chamado de dialeto social, é o uso linguístico próprio de uma classe ou categoria social específica. Dizendo com outras palavras, é a variedade de um grupo de falantes com as mesmas características socioculturais (classe socioeconômica, nível cultural, profissão que exerce etc.). No caso em questão de um determinado grupo de profissionais ligado ao conserto e fabricação artesanal de sapatos, botas, sandálias, chinelos, etc.

Todavia, com o que dispomos e com o que estudamos, à língua dos sapateiros cabe mais a seguinte questão: se realmente esta codificação seria uma variedade ou uma espécie de interlíngua que repousa em um código linguageiro?

5 Da questão da interlíngua e do código linguageiro

No sentido de retomar e responder à questão de encerramento do tópico anterior, primeiramente, veremos aqui o que se entende como código linguageiro:

O código linguageiro resulta de uma determinação da interlíngua, isto é, da interação das línguas e dos registros ou das variedades acessíveis - tanto no tempo como no espaço - em uma conjuntura determinada. A interlíngua é, portanto, o espaço máximo do que se instauram os códigos linguageiros. Um posicionamento define seu próprio código linguageiro por sua maneira singular de gerir a interlíngua. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 97)

Como podemos observar pela citação, essa interlíngua não é uma língua natural nem um gênero, mas sim algo da ordem do constitutivo de um dado posicionamento de uso dentro da própria codificação da língua. Neste sentido, a língua materna já "não daria conta" de transmitir os conteúdos e, portanto, não é nessa língua que se quer enunciar, e sim é algo que esses sujeitos investem em uma criação interna. "[...] código como [...], por definição, o uso da língua que a obra implica se mostra como a maneira em que é necessário enunciar, pois é a única conforme ao universo que ela instaura" (MAINGUENEAU, 2001, p. 104).

Ainda que Maingueneau trate essas noções-conceitos para o âmbito da enunciação do discurso literário, formando-se assim os campos e as formas de inserção no campo literário em que os escritores podem e devem fazer para criar a legitimidade constitutiva do discurso literário de suas obras (MAINGUENEAU, 2006), podemos inferir que a legitimidade no espaço de regulação linguageira do caso da língua dos sapateiros também seja regulado por uma espécie de interlíngua. Isso porque, de um lado, cria-se uma condição local e temporal, ligada à profissão e aos espaços das oficinas de sapatarias e, de outro lado, cria-se uma codificação que é utilizada em regularidades para tornar opacos os sentidos aos de fora desse mundo linguístico possível criado.

O funcionamento, ligado às marcas de oralidade, além de interno, no sentido de uma interlíngua, são fluídos, como nos repentes e suas batalhas, tão comuns no Nordeste brasileiro, por exemplo, em que o contexto e as circunstâncias que a codificação linguística exige, por temas, situações, necessidades, se fazem nos conjuntos de rimas, variantes a cada momento e bastante compreensível em universo de sentidos de quem vivencia e experiência tal audição de repentes; no caso da língua dos sapateiros, a forma como direcionar as sentenças, como no exemplo dado alhures neste mesmo artigo, também significam-se em temas compreensivos mais aos de dentro desses universos de sentido.

Tem-se, assim, não uma variedade, mas uma anti-língua, no sentido que o próprio Maingueneau dá a este conceito de Halliday.

[...] Os usos de gírias essencialmente urbanos que o linguista britânico Halliday propõe denominar "antilíngua". Eles permitem que um grupo indique seu conflito com a sociedade oficial (bandidos, escroques) ou simplesmente sua marginalidade (soldados, estudantes...). Prática de solidariedade baseada ao mesmo tempo no prazer do jogo verbal e na vontade do segredo, a antilíngua negocia com a língua recorrendo em particular a deformações lexicais.

E é exatamente dessa condição inter-lingueira, calcada em uma espécie de antilíngua, que a língua dos sapateiros se constituiu como espaço de zombaria, comentários inaceitavelmente machistas, pois tratava-se de um ambiente majoritariamente masculinizado, tendo mulheres apenas como frequentadoras na condição de freguesas e a serem observadas em seus pés e pernas (a parte pelo todo do corpo a ser desejável e significa internamente naquela classe de trabalhadores), isto é, uma antilíngua que permitia aos trabalhadores fazerem comentários machistas sobre as mulheres que por lá passavam e que para não sofrer nenhum tipo de sanção, esses comentários eram codificados, ficando restrita a sua interpretação a alguns poucos, mas que depois foi estendido a diversas outras situações conjunturais de uso linguageiro, como bem aponta a já citada entrevista de Marco Túlio Costa. (Ver nota de rodapé 2).

6 Considerações finais

Como vimos, durante algum tempo, a cidade de Passos, por meio dos trabalhadores ligados ao ofício de sapateiros, produziu um código linguageiro, que se traduz numa interlíngua, a qual não era nem a língua materna, nem exclusivamente uma variedade linguística, visto que, entre outras coisas, tratou-se de uma codificação bastante localizada à cidade de Passos e suas oficinas de sapatarias. É provável que este uso, baseado em outros repertórios, se deu ou ainda se dá em outros espaços de trabalhadores e outras posições e condições de classe que existem pelo Brasil e pelo mundo afora.

Nós, neste trabalho, estudamos este pequeno e peculiar caso da cidade de Passos e mais especificamente do tradicional Bairro São Francisco, nesta mesma cercania. Uma espécie de parte que, talvez, possamos inferir por um todo. Sem certeza e que nos requeriria mais pesquisas.

De qualquer maneira, a língua dos sapateiros, como tentamos compreender e apresentar, serviu de uma espécie de zombaria linguística, para fazer um uso hermético em relação a pessoas de fora desse universo de significações ligados à profissão dos sapateiros e dali tornar opaco aos forasteiros os reais sentidos, contextualizando-os em uma codificação peculiar, variável e mutável ao longo do tempo. Não uma zombaria no sentido derrisório, como bem trabalharam Baronas(2005) e Bonnafous(2003), mas uma zombaria a partir de um código linguageiro numa interlíngua construída por esses sujeitos sapateiros, os quais, no alto de sua sapiência popular, fizeram uma codificação proficiente para certas situações e circunstâncias enunciativas.

Infelizmente, atualmente, restam muitos poucos remanescentes dessa época, que vão agonizando como a própria profissão de sapateiros no Brasil. Mas

todo esse conhecimento empírico nos coloca uma outra questão em horizonte que talvez possa ser respondida mais à frente: será a língua dos sapateiros uma forma de linguística popular, tal como nos dias de hoje Baronas e Conti (2020) e Baronas e Cox (2020), na esteira do que Marie-Anne Paveau fundamenta, como uma possível abordagem antieliminativas entre o saber erudito, científico em ciências da linguagem, e o saber linguístico construído nas esferas comunicativas populares?

REFERÊNCIAS

- ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. (Orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, vol. 1, 3 ed., 2003.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BARONAS, R. L. Derrisão: um caso de heterogeneidade dissimulada. In: **Polifonia**. Cuiabá: EDUFMT, 2005. p. 99-111.
- BARONAS, R. L.; COX, M. I. P. Linguística popular/folk linguistics e linguística científica: Em vez do versus, propomos a integração. **FÓRUM LINGUÍSTICO** (UFSC. IMPRESSO), v. 16, p. 4254-4256, 2020.
- BARONAS, R. L.; CONTI, Tamires Bonani. Notas sobre a possibilidade de um trabalho no carrefour epistemológico entre a linguística popular e os estudos do discurso. **FÓRUM LINGUÍSTICO** (UFSC. IMPRESSO), v. 16, p. 4285-4294, 2020.
- BONNAFOUS, S. Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen. Trad. de Maria do Rosário Gregolin e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M. R. (org.) **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 35-48.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CHARADEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ILARI, R.; BASSO, R. **O Português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, D. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAINGUENEAU, D. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD P. et al. **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- SANTOS, J.L **O que é cultura**. São Paulo: editora brasileira, 1983.

Recebido em dezembro de 2020

Aceito em maio de 2021.

Publicado em 30 de agosto de 2021.

SOBRE OS AUTORES

Samuel Ponsoni é doutor em Linguística, pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Professor designado da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG - Unidade Acadêmica Passos. Atua no campo da linguística, principalmente em teoria e análise discursiva. Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório interdisciplinar de comunicação, discurso, acontecimento e memória - Labiam (UEMG/CNPq).

E-mail: sponsoni@yahoo.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9802-3267>

André Terra Oliveira Loureiro é estudante de graduação em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Unidade Passos/Brasil). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório interdisciplinar de comunicação, discurso, acontecimento e memória – Labiam (UEMG/CNPq). Estuda temas ligados às mídias publicitárias e comunicação social e urbanismo.

E-mail: andretloureiro@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8488-4648>

Raquel Tavares Garbini é estudante de graduação em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/Unidade Passos/Brasil). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Laboratório interdisciplinar de comunicação, discurso, acontecimento e memória – Labiam (UEMG/CNPq). Estuda temas ligados ao feminismo e suas relações com a publicidade e propaganda.

E-mail: raquelgarbini@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8522-377X>